

O PMDB espera apoio e adesão da América Latina

24 FEV 1987

por Cecília Pires
de Brasília

Além das manifestações de apoio político ao presidente Sarney pela decisão de suspender o pagamento dos juros da dívida externa, os países da América Latina que atravessam a mesma situação crítica junto a seus credores externos podem agora buscar uma linguagem comum para a renegociação com os banqueiros internacionais e participar de uma estratégia preventiva contra a eventualidade de retaliações comerciais contra o Brasil. Esta análise é partilhada por lideranças do PMDB, como o secretário para assuntos internacionais, deputado Fernando Gasparian, e o senador Severo Gomes.

Embora consideradas improváveis, estas retaliações não são descartadas pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro. "É preciso ver primeiro de onde vem o tapa para depois decidirmos como vamos nos defender", disse o ministro, segundo relato da editora Francisca Stella Fagá. Funaro, inclusive, tem falado duas vezes por semana com os ministros da área econômica do México e da Argentina.

ARGENTINA

O presidente Raúl Alfonsín, da Argentina, repetindo o que já havia feito na última sexta-feira, voltou a telefonar para o presidente Sarney, solidarizando-se com as medidas. O presidente da Venezuela, Jaime Lusinchi, fez o mesmo. Acrescentou, segundo o secretário de imprensa da Presidência, Frota Neto, que o Brasil sempre foi correto com seus compromissos internacionais.

Em resposta, segundo reproduziu Frota Neto, Sarney complementou que nos dois anos de seu governo, o Brasil enviou para o exterior US\$ 21 bilhões em juros. Em contrapartida, explicou a seu colega venezuelano que o Brasil não recebeu nenhum centavo. Lusinchi, por sua vez, defendeu um reexame geral da questão da dívida externa dos países latino-americanos. O secretário da Fazenda do México, Gustavo Petriccioli, enviou uma declaração, a

partir da Cidade do México, afirmando que apoiará o Brasil em sua decisão.

"A crise, agora, começa a atingir a todos ao mesmo tempo e leva a um entendimento maior do que nunca", disse o deputado Gasparian. Em sua opinião, o Brasil precisa mudar de parceiros e reativar um importante comércio com países latino-americanos, prevenindo-se contra possíveis retaliações. O País pode começar, por exemplo, a intensificar estas relações com a Venezuela, cuja economia é complementar à brasileira.

VENEZUELA

A Venezuela, que era nosso principal exportador de petróleo, deixou de sê-lo com o governo militar instalado em 1964, mas poderia voltar a exportar preferencialmente para o Brasil, intensificando as importações de remédios, automóveis e outros produtos importantes para o país.

Gasparian lembra, ainda, que a atitude brasileira poderá criar elos de solidariedade não apenas no intercâmbio comercial entre os países latino-americanos, e também funcionar como uma espécie de "guarda-chuva" para outros países que se decepcionaram com os acordos feitos junto ao FMI, e que aguardam a liberação de recursos até hoje. É o caso da Argentina, por exemplo. Gasparian acredita que este é o primeiro país que poderá seguir os passos do Brasil, endurecendo o jogo com os banqueiros internacionais.

O senador Severo Gomes vai mais além. Ele defende que os países devedores devem buscar uma associação de cooperação mútua na área comercial, ações conjuntas para pressionarem os banqueiros e defender-se contra os países ricos.

O senador Mário Covas acredita, ainda, que os países devedores vão obter vantagens com a posição assumida pelo governo brasileiro. "O fato de o Brasil ter dado o soco na mesa vai fazer com que os países devedores recebam mais depressa o dinheiro prometido e não liberado até hoje", concluiu.